



Notas sobre o método de reconstrução da história da teoria: potenciais contribuições para uma leitura histórica, epistemológica e formativa da Educação Matemática

Flavio Augusto Leite Taveira¹ • Antonio Ianni Segatto² • Deise Aparecida Peralta³

RESUMO

Com o objetivo de apresentar discussões metodológicas que julgamos primordiais para a epistemologia da Educação Matemática brasileira, neste artigo, pretendemos apresentar contribuições teórico-metodológicas da reconstrução da história da teoria como possibilidade metodológica em Educação Matemática. Para tanto, tecemos algumas considerações sobre a origem desse método no âmbito das discussões da Teoria Crítica da Sociedade, desde sua concepção, passando por uma virada metodológica até a proposição de uma forma inicial de reconstrução, operada por um dos precursores desta corrente teórica, a saber, Jürgen Habermas. Em seguida, salientamos as diferentes compreensões de reconstrução, seguido de apontamentos específicos sobre como Habermas empreendeu duas formas específicas de operar metodicamente a reconstrução. A partir de então, focalizamos especificamente a reconstrução da história da teoria empreendida por Habermas, salientando suas principais características e ilustrando com um exemplo clássico de reconstrução operada por Habermas a partir da leitura que faz da obra de Max Weber. Ao apresentarmos as potencialidades desse referencial teórico-metodológico, ilustramos sua utilização em produções da área e finalizamos o artigo defendendo a reconstrução da história da teoria como possibilidade metodológica em Educação Matemática, apontando para a necessidade e proficuidade de aprofundamento em outros tipos de reconstrução visando diversificar e expandir metodologicamente a Educação Matemática.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa; Reconstrução; Habermas; Educação Matemática; Filosofia.

Notes on the reconstructive method of the history of theory: potential contributions to a historical, epistemological, and formative reading of Mathematics Education

ABSTRACT

In an attempt to present methodological discussions that we consider essential for our times in the epistemology of Brazilian Mathematics Education, in this article, we aim to present theoretical and methodological contributions to the reconstruction of the history of theory as a methodological possibility in Mathematics Education. To this end, we offer some considerations on the origin of this method in the context of discussions of Critical Theory of Society, from its conception, through a methodological shift, to the proposal of an initial form of reconstruction, operated by one of the precursors of this theoretical current, namely Jürgen Habermas. Next, we highlight the different understandings of reconstruction, followed by specific notes on how Habermas undertook two specific ways of methodically operating reconstruction. From then on, we focus specifically on the reconstruction of the history of theory undertaken by Habermas, highlighting its main characteristics and exemplifying with a classic example of reconstruction operated by Habermas based on his reading of Max Weber's work. In presenting the potential of this theoretical-methodological framework, we illustrate its use in productions in the field and conclude the article by advocating the reconstruction of the history of theory as a methodological possibility in Mathematics Education, pointing to the need and usefulness of further exploration of other types of reconstruction with a view to diversifying and expanding Mathematics Education methodologically.

Keywords: Research Methodology; Reconstruction; Habermas; Mathematics Education; Philosophy.

¹ Universidade Estadual Paulista • São José do Rio Preto, SP — Brasil • ✉ flavio.taveira@unesp.br • **Orcid** <https://orcid.org/0000-0002-3980-4650>

² Universidade Estadual Paulista • Araraquara, SP — Brasil • ✉ antonio.ianni@unesp.br • **Orcid** <https://orcid.org/0000-0001-7463-221X>

³ Universidade Estadual Paulista • Jaboticabal, SP — Brasil • ✉ deise.peralta@unesp.br • **Orcid** <https://orcid.org/0000-0002-5146-058X>

Notas sobre el método reconstrutivo de la historia de la teoría: posibles contribuciones para una lectura histórica, epistemológica y formativa de la Educación Matemática

RESUMEN

Con el objetivo de presentar discusiones metodológicas que consideramos fundamentales para nuestra época en la epistemología de la Educación Matemática brasileña, en este artículo pretendemos presentar contribuciones teórico-metodológicas de la reconstrucción de la historia de la teoría como posibilidad metodológica en la Educación Matemática. Para ello, hacemos algunas consideraciones sobre el origen de este método en el ámbito de los debates de la Teoría Crítica de la Sociedad, desde su concepción, pasando por un giro metodológico hasta la propuesta de una forma inicial de reconstrucción, operada por uno de los precursores de esta corriente teórica, a saber, Jürgen Habermas. A continuación, destacamos las diferentes interpretaciones de la reconstrucción, seguidas de apuntes específicos sobre cómo Habermas emprendió dos formas específicas de operar metódicamente la reconstrucción. A partir de entonces, nos centramos específicamente en la reconstrucción de la historia de la teoría emprendida por Habermas, destacando sus principales características y ejemplificando con un ejemplo clásico de reconstrucción operada por Habermas a partir de su lectura de la obra de Max Weber. Al presentar las potencialidades de este marco teórico-metodológico, ilustramos su uso en producciones del área y concluimos el artículo defendiendo la reconstrucción de la historia de la teoría como posibilidad metodológica en la Educación Matemática, señalando la necesidad y la conveniencia de profundizar en otros tipos de reconstrucción con el fin de diversificar y expandir metodológicamente la Educación Matemática.

Palabras clave: Metodología de Investigación; Reconstrucción; Habermas; Educación Matemática; Filosofía.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Nos últimos tempos, temos observado uma significativa entrada de novas preocupações no âmbito da pesquisa em Educação Matemática. Questões antes ignoradas, hoje começam a compor o escopo da área, abrindo espaço para novos sujeitos, cenários e conhecimentos (Fernandes; Garnica, 2021). Nesse ínterim, em que estão a entrar no horizonte das preocupações que substanciam a epistemologia da Educação Matemática brasileira novas perspectivas, a questão metodológica ganha uma especial atenção, uma vez que desde *Discurso do método* de René Descartes, a questão metodológica é, indiscutivelmente, um limitante da e na produção de conhecimento.

E com a entrada de novas epistemes, antes não atentadas pelas produções da área, a questão metodológica se faz imperiosa por, possivelmente, dificultar e impedir a produção de novos conhecimentos. A título de exemplo, a etnografia, método nuclear da pesquisa antropológica, vem ganhando espaço nas produções da Educação Matemática. Entretanto, tal debate metodológico só ganhou força nos últimos anos, acompanhando o fenômeno anteriormente descrito - Rochelle Gutiérrez (2013), por exemplo, denomina este fenômeno como virada sociopolítica da Educação Matemática, já Stephen Lerman (2000) o denomina como virada social da Educação Matemática.

Assim sendo, neste artigo, buscamos apresentar discussões metodológicas que julgamos primordiais para os nossos tempos na epistemologia da Educação Matemática

brasileira. Nosso objetivo é apresentar contribuições teórico-metodológicas da reconstrução da história da teoria como possibilidade metodológica em Educação Matemática. Para tanto, apresentamos algumas considerações sobre a origem deste método no âmbito das discussões da Teoria Crítica da Sociedade, desde sua concepção, passando por uma virada metodológica até a proposição de uma forma inicial de reconstrução, operada por um dos percursores dessa corrente teórica, a saber, Jürgen Habermas. Na sequência, salientamos as diferentes compreensões de reconstrução, seguido de apontamentos específicos de como Habermas empreendeu duas formas específicas de operar metodicamente a reconstrução – inicialmente a partir das ciências reconstitutivas e posteriormente a partir da reconstrução da história da teoria. A partir de então, focalizamos especificamente a reconstrução da história da teoria empreendida por Habermas, salientando suas principais características e ilustrando com um exemplo clássico de reconstrução operada por Habermas a partir da leitura que faz da obra de Max Weber. Ao apresentarmos as potencialidades deste referencial teórico-metodológico, ilustramos sua utilização em produções da área e finalizamos o artigo defendendo a reconstrução da história da teoria como possibilidade metodológica em Educação Matemática, apontando para a necessidade e proficuidade de aprofundamento em outros tipos de reconstrução visando diversificar e expandir metodologicamente a Educação Matemática.

QUESTÕES DE MÉTODO: SOBRE A DIALÉTICA INTERDISCIPLINAR, A VIRADA RECONSTRUTIVA E A RECONSTRUÇÃO

Desde o clássico ensaio de 1937 de Horkheimer (1980), a Teoria Crítica da Sociedade⁴ tem buscado, entre uma de suas demandas, refletir sobre os métodos de elaboração e proposição de crítica social. Resgatando a dialética marxista (Müller, 1982), Horkheimer propôs um programa dialético interdisciplinar como necessidade metodológica do conteúdo programático dessa corrente de pensamento para o momento histórico – além da formação diversa do grupo de pesquisadores que compuseram a chamada Primeira Geração da Teoria Crítica.

Os modelos críticos, no sentido de Marcos Nobre, que vigoraram na Primeira Geração, além de compartilhar características essenciais para o próprio projeto teórico da Teoria Crítica, também resguardavam a interdisciplinaridade como elemento de crítica social – podemos citar por exemplo Friedrich Pollock na economia, Max Horkheimer, Theodor

⁴ A partir de agora nos referiremos a esta corrente de pensamento apenas como Teoria Crítica, com iniciais maiúsculas.

Adorno e Herbert Marcuse na filosofia e Erich Fromm na psicologia e psicanálise (Nobre, 2008).

E o materialismo interdisciplinar dominou metodologicamente a Teoria Crítica até a virada pragmática habermasiana (Segatto, 2022) que traz consigo o que Oliver Voirol denominou de virada reconstrutiva (Voirol, 2012), em que a reconstrução passa a ser o método entendido e praticado por Jürgen Habermas como o mais adequado para orientar a Teoria Crítica, ou seja, o melhor método de crítica social (Nobre; Repa, 2012).

Entretanto, não é apenas Habermas que se orienta metodologicamente pela reconstrução. Segundo Repa (2021), o conceito de crítica reconstrutiva foi apresentado pela primeira vez por Axel Honneth em seu ensaio “Crítica reconstrutiva da sociedade sob a reserva genealógica – sobre a ideia de ‘crítica’ na Escola de Frankfurt” (Honneth, 2007), que estabeleceu um modelo de reconstrução inspirado na perspectiva habermasiana de reconstrução das instituições sociais, terceira modalidade de reconstrução em termos cronológicos, iniciada por Habermas em *Facticidade e validade: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia*⁵ (Habermas, 2020).

Contudo, antes de passar às considerações sobre o tipo de reconstrução que interessa para as finalidades e intencionalidades que este ensaio assume, passamos aos tipos de reconstrução presentes na Teoria Crítica. Para tanto, assim como Repa (2017; 2021), nos apoiamos na tipologia de reconstrução proposta por Robin Celikates.

Compreensões de Reconstrução na Teoria Crítica da Sociedade

Para Celikates (2006; 2009; 2012) podemos observar na tradição da Teoria Crítica ao menos três compreensões de reconstrução. A primeira delas foi proposta por Jürgen Habermas em *Conhecimento e interesse* (Habermas, 2014), tomando como referência a psicanálise freudiana e chamada de compreensão reconstrutivo-psicanalítica, tendo como intuito “reconstruir patologias concretas e sua gênese; portanto, o objeto é inteiramente marcado por uma concretude histórica, e isso é desdobrado no modo de uma interação dialógica com os destinatários da crítica” (Repa, 2021, p. 55). Repa afirma que

Segundo Habermas, o procedimento metodológico psicanalítico seria reconstrutivo porque, na situação analítica, o psicanalista reconstruiria o que foi esquecido pelo paciente a partir de textos fragmentados, de sonhos e repetições, ao passo que o paciente vai rememorando fragmentos de sua história de vida a partir de hipóteses reconstrutivas. É preciso haver uma combinação de reconstrução e rememoração (*Erinnerung*), que, se bem-sucedida, deve desencadear uma autorreflexão no paciente de modo que ele reorganize sua

⁵ Outra tradução pode ser intitulada de Direito e Democracia - Entre facticidade e validade.

autocompreensão. A ideia de Habermas seria, nesse contexto, adotar para a teoria social crítica esse procedimento essencialmente dialógico capaz de liberar um processo autorreflexivo sobre formas arraigadas de dominação e ilusão (Repa, 2021, p. 54).

Já a segunda compreensão também foi proposta por Habermas, mas, dessa vez tem expressão na *Teoria da ação comunicativa* (Habermas, 2022a; 2022b) e é denominada compreensão reconstrutivo-pragmática, tendo como intuito “transformar o saber intuitivo de regras dos autores no uso comunicativa da linguagem em um saber teórico, e de tal modo que se possa comprovar a universalidade dessas regras como condições ‘quase-transcendentais’ da fala”, sendo que o que efetivamente é reconstruído “se constitui de um sistema de regras formando as condições de possibilidade da interação comunicativa, o objeto é abstrato e supra-histórico, e isso é desdobrado ao modo de tipos ideais representando as condições de comunicação como universais” (Repa, 2021, p. 55).

Por fim, a terceira compreensão de reconstrução foi proposta por Axel Honneth em *O direito da liberdade* (Honneth, 2019) e se denomina compreensão reconstrutiva-hegeliana ou hegeliana de esquerda e se trata “de ‘reconstruções normativas’ que buscam, na realidade de uma sociedade concreta, os ideais normativos que incorporam algo como uma razão social, como um conteúdo normativo racional que está na base de relações de reconhecimento institucionalizadas” (Repa, 2021, p. 55). Nessa compreensão, o que é reconstruído é “o conteúdo normativo de uma práxis ou forma de vida, ele não é tão historicamente concreto como no primeiro caso [reconstrução psicanalítica], nem tão generalizado de maneira supra-histórica como no segundo [reconstrução pragmática], e isso é desdobrado como um processo de realização progressiva da razão” (Repa, 2021, p. 55-56).

Após essa diferenciação, passaremos, a seguir, a uma explanação do sentido amplo de reconstrução na perspectiva de Jürgen Habermas, apresentando panoramicamente as duas compreensões de reconstrução em seu arcabouço teórico-filosófico-metodológico. No que segue, direcionamos especial atenção à compreensão que dominou a perspectiva habermasiana a partir da década de 1980 e que até aqui chamamos de compreensão reconstrutivo-pragmática sendo que, a partir de agora, vamos denominar de reconstrução da história da teoria.

RECONSTRUÇÃO COMO MÉTODO EM JÜRGEN HABERMAS

Antes de iniciar a explanação detalhada sobre o sentido ampliado de reconstrução na perspectiva habermasiana, salientamos que este trabalho se apoia no pressuposto formulado

por Luiz Repa (2021), segundo o qual há uma unidade intrínseca entre reconstrução e crítica no pensamento de Jürgen Habermas. Em outras palavras, compreendemos — em consonância com Repa — que reconstruir é, em si, uma forma de crítica, capaz de satisfazer os critérios normativos e teórico-metodológicos exigidos por qualquer modelo crítico situado no interior da tradição da Teoria Crítica da Sociedade. Além disso, seguimos a defesa de Repa (2008a; 2008b) de que o modelo de crítica habermasiano deve ser caracterizado como reconstrutivo — não como uma mera rotulagem terminológica, mas como uma qualificação substantiva que sintetiza a forma específica pela qual Habermas se insere e se diferencia da tradição crítica iniciada pela Escola de Frankfurt. Trata-se, portanto, de um tipo de crítica que articula normatividade, diagnóstico social e potencial de emancipação por meio da reconstrução teórica.

Tais esclarecimentos são necessários para afastar objeções – ou acusações quanto ao seu mérito – ao(s) método(s) de reconstrução operados pelo filósofo, como o que foi colocado por Rahel Jaeggi de que a reconstrução não admite potencial transformativo. Jaeggi argumenta que por não poder ser entendida como uma forma de crítica imanente, a reconstrução se reduz a uma crítica interna – a partir da tipologia da crítica da própria filósofa (Jaeggi, 2018), entendendo que uma crítica interna não apresenta potencial transformativo. Contudo, Repa (2021) argumenta que as acusações de Jaeggi recaem somente à reconstrução operada por Axel Honneth, mostrando como as duas perspectivas de reconstrução em Habermas satisfazem as características de crítica imanente propostas pela própria filósofa.

Ao retomarem o clássico ensaio inaugural de Horkheimer de 1937, Nobre e Repa (2012) discutem a relação entre teoria tradicional e Teoria Crítica. Nesta discussão, afirmam que a Teoria Crítica depende da teoria tradicional para produzir um diagnóstico de época – umas das características centrais a qualquer modelo crítico que se filie à esta corrente de pensamento – isso porque, “mesmo se a perspectiva crítica for a única orientada para e pela emancipação, ela é dependente da teoria tradicional para produzir um diagnóstico do tempo presente que permita entrever as potencialidades e os obstáculos para a própria emancipação” (Nobre; Repa, 2021, p. 13). Nesse sentido, os autores argumentam ainda que esta relação de dependência se dá num sentido não trivial, pois não é possível denotar a Teoria Crítica apenas em negação com a teoria tradicional.

Nobre e Repa (2021) afirmam especificamente que essa relação de dependência quase parasitária se dá em função da Teoria Crítica desvelar o quão parcial é a teoria tradicional. Nos termos dos próprios autores: “Esse, digamos, parasitismo da teoria crítica

relativamente à produção da teoria tradicional é possível, por sua vez, porque se pressupõe que as contribuições tradicionais não sejam falsas, mas “parciais””, isto é, passíveis de integração de uma perspectiva mais ampla, que lhes dê um novo sentido, um sentido crítico” (Nobre; Repa, 2012, p. 14). Aqui, vale destacar que a parcialidade com que a teoria tradicional se constrói acaba por produzir e reproduzir uma realidade social parcial, ou, se pudermos assim dizer, falsa, coercitiva e que estrutura mecanismos de dominação e alienação. Assim, a Teoria Crítica tem como um de seus objetivos desvelar a parcialidade com a qual a teoria tradicional constrói e reverbera a realidade social.

Se por um lado, a Teoria Crítica desvela a parcialidade da teoria tradicional, por outro, tendo que Repa (2021) concorda com Rúrion Melo (2011; 2013) de que qualquer discussão sobre Teoria Crítica deve ser sempre uma discussão sobre os sentidos de emancipação, é possível afirmar numa perspectiva habermasiana que “reconstruir é o modo específico por meio do qual se podem ancorar na realidade das sociedades capitalistas avançadas os potenciais emancipatórios [...demonstrando...] a possibilidade real do conteúdo normativo próprio dos critérios que orientam a crítica da sociedade e das teorias tradicionais” (Nobre; Repa, 2012, p. 18), assim, a “ideia de reconstrução se encontra imediatamente com o princípio da Teoria Crítica habermasiana, uma vez que lhe é inerente a direção do interesse pela emancipação no sentido da descoberta na realidade de potenciais imanentes de negação de práticas coercitivas” (Repa, 2021, p. 37).

Entretanto, à primeira vista, a reconstrução parece ser uma tentativa de restituição de sentidos, de redizer conceitos, e esta não é a ideia do sentido – pelo menos habermasiano, em qualquer um de suas duas compreensões (Repa, 2021) – de reconstrução. Como garantem Nobre e Repa (2012, p. 18)

Reconstruir não significa, por isso, uma tentativa de restituir o sentido particular ou o conteúdo particular de um determinado construto simbólico, de um determinado processo simbólico ou de uma determinada instituição ou modo de agir em sua particularidade. Ela significa, antes, descobrir as estruturas profundas que possibilitam a geração de objetos simbólicos. Não são estes ou aqueles objetos em particular, mas as regras, as estruturas, os critérios de avaliação e os processos sociais mais amplos em que determinados objetos simbólicos se inserem e ganham um sentido social e racional, que é o alvo da teoria reconstrutiva. O que se reconstrói é o que possibilita uma determinada construção ou o que possibilita a crítica de uma construção, e não essa mesma construção tomada como resultado particular, como construto. Reconstruir não significa refazer conceitualmente algo dado recontar sua história por assim dizer não significa reproduzir o que é factualmente mas refletir sobre as regras que tem de estar supostas como princípio para a compreensão do sentido e mesmo do não sentido do que é construído social e simbolicamente.

Nesse ínterim, a reconstrução é uma forma de mostrar a parcialidade com a qual a perspectiva reconstruída se dá em termos da realidade social. E é nesse cenário que as principais características – a orientação para a emancipação e o comportamento crítico – da Teoria Crítica se encontram com a reconstrução. Partindo da perspectiva habermasiana de que o comportamento crítico é o comportamento reconstrutivo, “a reconstrução se apresenta [...] como a forma pela qual se descobre na realidade social as possibilidades reais de emancipação” (Repa, 2021, p. 35).

A partir das contribuições teóricas de Habermas, especialmente na forma como a reconstrução se configura como uma modalidade crítica orientada pela emancipação, é possível compreender a Educação Matemática como um campo que não se estrutura de forma neutra ou isenta, mas que se constitui historicamente atendendo a interesses sociais, culturais, políticos e epistêmicos específicos. A partir do procedimento reconstrutivo — entendido aqui como prática teórico-metodológica que busca explicitar os fundamentos normativos, os critérios de validade e os contextos históricos que tornam possíveis determinados discursos e práticas — torna-se possível revelar que os modos pelos quais a Educação Matemática se organiza, os saberes que legitima e os sujeitos que privilegia estão vinculados a formas específicas de racionalidade, frequentemente de caráter tecnicista, instrumental e seletivo. Assim, a reconstrução aplicada à Educação Matemática permite não apenas identificar as estruturas subjacentes que sustentam sua configuração atual, mas também diagnosticar os mecanismos que produzem e reproduzem injustiças curriculares (Taveira, 2025; Taveira; Peralta, 2025; no prelo), como a marginalização de conhecimentos não hegemônicos, a exclusão de sujeitos historicamente subalternizados e a naturalização de práticas pedagógicas excludentes. Ao explicitar essas dinâmicas, compreende-se que a Educação Matemática, longe de ser um campo neutro ou meramente técnico, é atravessada por disputas de sentido e por interesses de ordem social, sendo, portanto, um espaço privilegiado para o exercício de uma crítica reconstrutiva que visa não apenas à compreensão, mas à transformação das práticas formativas, curriculares e institucionais que a compõem.

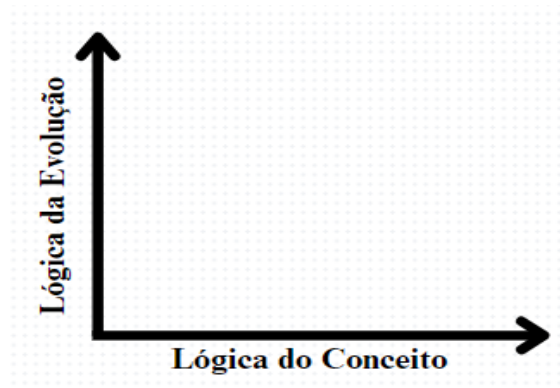
Ciências reconstrutivas e reconstrução da história da teoria: dois modelos em Habermas

Feitas estas considerações, passaremos agora a uma explanação das compreensões de reconstrução na teoria habermasiana. Segundo Nobre e Repa (2012), é possível afirmar que a reconstrução assume, ao menos, duas compreensões no pensamento de Jürgen

Habermas, expressas por dois momentos distintos de teorização do filósofo. O primeiro momento abrange as décadas de 1960 e 1970, iniciando com a publicação de *Conhecimento e interesse* (Habermas, 2014) – originalmente publicado em 1968 – e o segundo momento abrange na década de 1980 e 1990, iniciando com a publicação da *Teoria da ação comunicativa* (Habermas, 2022a; 2022b). A partir de agora, diferentemente da tipologia proposta por Robin Celikates (2006; 2009; 2012), vamos nos referir à reconstrução habermasiana compreendida entre a década de 1970 e 1980 como ciências reconstitutivas e à reconstrução compreendida entre a década de 1980 e 1990 como reconstrução da história da teoria, em concordância com Luiz Repa (2021).

O projeto da ciência reconstitutiva tem um início no final da década de 1960 com *Conhecimento e interesse* (Habermas, 2014), quando Habermas buscou distinguir essa nova ciência que chamou de ciências reconstitutivas de outros tipos de ciências, como as hermenêuticas e as empírico-analíticas⁶ (Habermas, 1989; Nobre; Repa, 2012). A proposta da ciência reconstitutiva é “reconstituir os sistemas de regras universais que estão na base de ações, manifestações linguísticas e operações cognitivas e que são seguidas por qualquer sujeito competente” (Nobre; Repa, 2012, p. 25) e se organiza em dois níveis ou vetores, uma vez que para Repa (2021, p. 59) “a ideia de Habermas, segundo a qual tanto um vetor como o outro devem ser desenvolvidos a título de ciências reconstitutivas, mostra por si só quanto ele quer privar as sugestões filosóficas de qualquer orientação metafísica”: a reconstrução horizontal [ou a lógica do conceito] e a reconstrução vertical [ou, a lógica da evolução], como mostra a figura a seguir

Figura 01 – Esquema das ciências reconstitutivas



Fonte: Habermas (2014)

⁶ Os principais pontos de distinção entre as ciências reconstitutivas e as demais citadas podem ser conferidos em Nobre e Repa (2012, p. 27).

Como afirmam Nobre e Repa (2012), enquanto a reconstrução horizontal “se ocupa da reconstrução dos sistemas de regras antropologicamente fundamentais (da lógica, da fala, da interação comunicativa, da ação instrumental, da aritmética e da medição” (p. 25) , ou seja, “busca-se reconstruir as regras já operantes no contexto das sociedades contemporâneas” (p. 26), a reconstrução vertical “se ocupa dos processos de aprendizagem interna que incorporam, sob condições empíricas, as diversas competências que o primeiro tipo de reconstrução busca explicitar” (p. 25), ou seja, busca “reconstruir a lógica da evolução dessas regras [da reconstrução horizontal] à luz da história das sociedades, verificando até que ponto a dinâmica histórica concreta obstruiu ou promoveu o desenvolvimento do sistema de regras” (p. 26). Uma colocação de Jørgen Pedersen, citado por Luiz Repa, define muito bem o projeto das ciências reconstrutivas: “o que é reconstruído é uma competência que os sujeitos agentes possuem. A reconstrução descobre algumas competências fundamentais (reconstrução horizontal), mas também o modo como essas competências se desenvolveram no tempo (reconstrução vertical)” (Pedersen, 2008, p. 463).

Como exemplos de ciências reconstrutivas, tomamos o exposto em Nobre e Repa (2012), tendo que a principal reconstrução horizontal é a pragmática universal⁷ e a principal reconstrução vertical é a teoria da evolução social, pois

A pragmática formal pretende reconstruir as condições de possibilidade do entendimento mútuo mediado pela linguagem, vale dizer, o sistema das regras que possibilitam um acordo entre sujeitos socializados linguisticamente. A teoria da evolução social versa sobre o desenvolvimento das estruturas normativas que tornaram possível o surgimento das sociedades modernas, no núcleo das quais se podem verificar as regras da interação comunicativa (Nobre; Repa, 2021, p. 26).

Sob a forma da pragmática universal e da teoria da evolução social, Habermas apresenta o projeto de ciências reconstrutivas em *Conhecimento e interesse*. Contudo, as produções que sucederam o projeto das ciências reconstrutivas não passaram de um esboço

⁷ Ao discutir esse tema, Nobre e Repa (2012) e principalmente Repa (2021) discorre(m) em termos de Pragmática Formal e não Pragmática Universal. Contudo, não é possível denominar a pragmática habermasiana anterior à Teoria da Ação Comunicativa (TAC) como Pragmática Formal pois, se por um lado Habermas tinha uma pretensão universalista no próprio projeto das ciências reconstrutivas, por outro, a pragmática habermasiana apresentada na TAC admite como uma de suas bases teóricas a Semântica Formal. Somente a partir da TAC que é possível denominar a Pragmática habermasiana de Pragmática Formal (para maiores informações, confira Segatto, 2022, p. 107, nota de rodapé 21). Dessa forma, salientamos que as citações diretas – que não podem ser alteradas – trazidas sobre esse tema terão a escrita como pragmática formal mas, em verdade, o sentido é pragmática universal.

e não se efetivaram na teoria habermasiana, como concordam Nobre e Repa (2012, p. 33): “Como a pragmática formal e a teoria da evolução social não tiveram desenvolvimento significativos, Habermas se viu obrigado, na *Teoria da ação comunicativa*, a recorrer ao conhecimento disponível nas Ciências Sociais em particular aquele cristalizado em texto já clássico do pensamento social”.

Assim, apostando em outra perspectiva de reconstrução – a reconstrução da história da teoria (Repa, 2008a; 2021) – o filósofo “toma as teorias da racionalidade moderna disponíveis para dar conta não apenas de sua diferenciação e das patologias suscitadas pela usurpação de um domínio por outro mas também dos potenciais emancipatórios não explorados na sociedades modernas racionalizadas”, sendo dessa maneira que a nova compreensão de reconstrução vai se orientar “para a realização de um diagnóstico crítico do tempo presente capaz de determinar as principais patologias modernas, justificar seus critérios normativos, [e] identificar os potenciais emancipatórios inscritos na sociedade modernas contemporâneas” (Nobre; Repa, 2021, p. 31).

Assim, ao reconstruir as teorias da racionalidade modernas disponíveis nas ciências sociais, Habermas dá um novo sentido à reconstrução a partir de seu diagnóstico de época, pautada na patologia social da colonização do mundo da vida, explicando “como as estruturas constitutivas da ação orientada ao entendimento como objeto da reconstrução se tornam acessíveis por conta de um contexto de crise” (Repa, 2021, p. 96).

A partir da distinção entre as ciências reconstitutivas e a reconstrução da história da teoria, conforme operada por Habermas e analisada por Repa e Nobre, é possível estabelecer um diálogo fecundo com a Educação Matemática enquanto campo de conhecimento e prática social. Se tomarmos a Educação Matemática como campo marcado por múltiplas racionalidades — ora tecnocráticas, ora culturalistas, ora críticas —, a perspectiva da reconstrução da história da teoria oferece uma via metodológica potente para analisarmos os modos como diferentes paradigmas (psicologizantes, tecnicistas, socioculturais, etnomatemáticos etc.) emergiram, se consolidaram e operaram suas influências sobre a prática pedagógica, a política curricular e a formação de professores.

Nessa chave, as teorias educacionais aplicadas à matemática podem ser tratadas como expressões históricas de racionalidades sociais e epistemológicas específicas. A reconstrução da história da teoria permite, então, identificar quais interesses, pressupostos e contextos sociais estruturaram cada uma dessas abordagens — como, por exemplo, o papel das teorias da aprendizagem na legitimação de uma visão instrumental da matemática, ou a

adoção de modelos economicistas nas políticas de currículo pautadas em avaliação de larga escala. Ao reconstruí-las, não para refutá-las em bloco, mas para mostrar sua parcialidade constitutiva e os potenciais não realizados nelas inscritos, o campo da Educação Matemática se reposiciona criticamente, ampliando seus horizontes normativos e formativos.

Nesse sentido, aplicar a reconstrução habermasiana da história da teoria à Educação Matemática implica reexaminar criticamente as narrativas que organizam o campo, repensar os fundamentos curriculares que orientam o ensino da matemática e explorar os potenciais emancipatórios negligenciados, como os ligados à justiça curricular, à valorização de saberes não hegemônicos, e à inclusão de sujeitos historicamente marginalizados. Essa abordagem possibilita, por fim, uma crítica que não apenas denuncia os limites de paradigmas consolidados, mas que contribui ativamente para a reinvenção da Educação Matemática como espaço formativo comprometido com justiça social e transformação democrática.

Como a reconstrução da história da teoria é de interesse para as intenções e para o objetivo do presente ensaio, nas páginas a seguir, apresentamos, com o apoio de Repa (2012; 2021), como Habermas opera a reconstrução da história da teoria da racionalização de Max Weber na Teoria da Ação Comunicativa, ilustrando a reconstrução habermasiana da história da teoria.

Reconstrução habermasiana da história da teoria

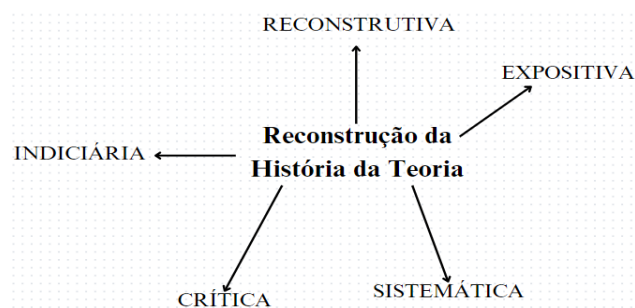
Repa (2012) recorre à compreensão de Marcos Nobre de que enquanto as teorias tradicionais concorrem entre si, a Teoria Crítica admite um princípio de não concorrência em relação às teorias tradicionais. Assim, Habermas vai incorporar as teorias tradicionais para apontar, demonstrar e superar sua parcialidade específica frente à realidade social via reconstrução da história da teoria.

Dessa perspectiva, é possível afirmar que as reconstruções da história da teoria são uma forma singular de se relacionar com as teorias tradicionais já consolidadas na literatura, sendo “a maneira “crítica” de se relacionar com elas, pois aponta para sua unilateralidade” (Repa, 2012, p. 51), onde “os potenciais inscritos nas estruturas subjacentes aos desenvolvimentos [teóricos-] históricos servem de esteio para a crítica” (Repa, 2021, p. 88).

Assim, o procedimento de reconstrução da história da teoria “pode ser descrito como um procedimento ao mesmo tempo expositivo, crítico e sistemático” (Repa, 2012, p. 51). Além disso, pelo fato de Habermas tratar as teorias tradicionais reconstruídas como teorias reconstrutivas – isto pois, segundo Repa (2012, p. 52), “Habermas trata as próprias teorias

tradicionais reconstruídas como se fossem teorias reconstitutivas. Isso é um tanto evidente em sua apropriação de Weber, Mead mais ou menos no caso de Durkheim [...] Esses teóricos contribuem para uma teoria reconstitutiva da evolução social, porque organizam os processos evolutivos que lhes interessam (a racionalização, a socialização, a ancoragem religiosa da moral) segundo um processo de aprendizagem reconstruível conforme uma lógica interna” – é possível afirmar que “além das características do procedimento que foram anotadas até aqui, isto é, seu caráter expositivo, indiciário, crítico e sistemático, pode-se acrescentar outro, que consiste no caráter “reconstrutivo” da teoria reconstruída” (Repa, 2012, p. 52). O esquema a seguir ilustra as características da reconstrução da história da teoria:

Figura 02 – Característica da reconstrução da história da teoria



Fonte: Repa (2012)

Como exemplo, Repa (2012) detalha como as características da reconstrução da história da teoria são possíveis de serem observadas na reconstrução operada por Habermas na *Teoria da ação comunicativa* sobre a teoria da racionalização e Max Weber:

O caráter *indiciário* se mostra na teoria da ação de Weber, isto é, na teoria da ação que Habermas qualifica de "não oficial"; por outro lado, o aspecto *crítico* remete diretamente à teoria "oficial" da ação, pois esta orienta a reconstrução do processo de racionalização a tal ponto que surge em Weber uma inconsistência entre a modernidade cultural e a modernização social. Ao mesmo tempo, essa inconsistência poderia ser resolvida pelo próprio Weber, na medida em que ele torna disponível uma distinção metodológica reconstitutiva fundamental: a distinção entre lógica evolutiva e dinâmica evolutiva. Aqui se apresenta, então, o aspecto *reconstrutivo* da própria teoria reconstruída. Todos esses aspectos, por sua vez, orientam-se para reorientação de sentido do conceito de racionalização com base na ação comunicativa. É o caráter mais amplo que Habermas chama de *sistemático*. Por fim, Weber também é o primeiro a dar um diagnóstico de época que ainda se mostra atual, embora precise ser repostado em outras bases. Trata-se da questão da racionalização unilateral, aqui se destina de maneira geral toda a reconstrução (Repa, 2012, p. 54, grifos no original).

Habermas opera a reconstrução da teoria da racionalização de Max Weber a partir dos quatro tipos de ação propostas pelo próprio Weber, a saber: (a) ação racional com respeito a fins; (b) ação racional com respeito a valores; (c) ação social afetiva; (d) ação social tradicional. Ao apontar que, para Weber, todas as formas de racionalização social se operam somente a partir da ação racional com respeito a fins, Habermas mostra a parcialidade com que Weber discorre sua teoria da racionalização.

Repa (2008a, p. 139) afirma que Habermas observa ao menos duas vantagens com esse tipo de reconstrução: “em primeiro lugar, o fato de que na teoria da sociedade os paradigmas clássicos são ainda contemporâneos, ou seja, dizem algo a respeito das sociedades atuais”, ao passo que, “em segundo lugar, o fato de que esses paradigmas dizem algo também a respeito do momento histórico em que surgiram, expressando determinados interesses e concepções de mundo”.

E, por mais que a reconstrução da história da teoria assume uma perspectiva metodológica em parte da obra habermasiana, concordamos com Repa (2008b) de que este conceito não se esgota em ordem metodológica, ou seja, que o sentido de método atribuída à reconstrução não se esgota em si mesma, pois “A teoria reconstrutiva precisa explicar a si mesma, isto é, explicar por que ela mesma surge em vista de um problema social concreto” (Repa, 2008b, p. 181).

Nesse sentido, a reconstrução da história da teoria oferece uma possibilidade metodológica para produção criticamente orientada de uma perspectiva teórica sobre um objeto, mantendo assim o objetivo geral da Teoria Crítica: “reconstruir o potencial de racionalidade, vale dizer, o potencial de emancipação inscrito na realidade das sociedades contemporâneas, bem como as razões imanente dos obstáculos para sua realização” (Repa, 2012, p. 64). No que segue, apresentaremos potenciais contribuições da reconstrução da história da teoria para uma leitura histórica, epistemológica e formativa da educação matemática.

POTENCIAIS CONTRIBUIÇÕES DA RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA TEORIA PARA UMA LEITURA HISTÓRICA, EPISTEMOLÓGICA E FORMATIVA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Como pontuamos, existem ao menos três tipos de reconstruções – a partir da tipologia proposta por Robin Celikates – na tradição da Teoria Crítica da Sociedade: a primeira, com o projeto de Ciências Reconstitutivas, operada por Habermas em *Conhecimento e interesse*; a segunda, com o projeto da reconstrução da história da teoria, também operada por

Habermas mas na *Teoria da ação comunicativa*; e a terceira, chamada de reconstrução-hegeliana, operada por Axel Honneth. E cada uma dessas formas de reconstrução, a seu modo, ofereceram e oferecem possibilidades de reconstruções das dinâmicas sociais e, por mais que haja diferenças, todas elas admitem como meta o horizonte emancipatório, seja buscando potenciais, seja desvelando obstáculos à emancipação.

Com a virada reconstrutiva operada por Habermas, a reconstrução passou a ganhar um espaço especial nas discussões da Teoria Crítica, dada sua multiplicidade de formas e, nos dias de hoje, alguns/algumas habermasianos/habermasianas ainda trabalham com o método da reconstrução, seja historicizando-o, seja buscando aperfeiçoá-lo e adaptá-lo. Entendemos que pesquisas que busquem desenvolver o método reconstrutivo são primordiais, tanto em termos teóricos quanto metodológicos para as Ciências Sociais em geral, pois poderiam, a partir das experiências reconstrutivas, propor novos modelos, aglutinar potencialidades e/ou diminuir déficits encontrados nos modelos conhecidos de reconstrução.

Como observamos, cada compreensão de reconstrução abordada – reconstrutivo-psicanalítica, reconstrutivo-pragmática e reconstrutivo-hegeliana – oferece uma compreensão aprofundada em alguma dimensão específica do fenômeno analisado em termos de práticas e normas sociais, tendo que enquanto a reconstrutivo-psicanalítica se preocupada com a lógica da evolução e do conceito, a reconstrutivo-pragmática se preocupa com a parcialidade teórica, e a reconstrutivo-hegeliana se preocupa com as instituições sociais. Em especial, a reconstrutivo-pragmática oferece uma ferramenta crítica valiosa para examinar e revisar as teorias tradicionais, revelando suas limitações e parcialidades. Essa abordagem não apenas desvela as parcialidades/déficits das teorias anteriores, ou seja, os obstáculos à emancipação, mas também aponta para os potenciais emancipatórios e normativos que podem ser explorados para superar práticas coercitivas e promover uma sociedade mais justa e racional.

Discutir os elementos do método reconstrutivo da história da teoria, à luz da Teoria Crítica da Sociedade e especialmente das contribuições de Jürgen Habermas, permite ainda compreender a Educação Matemática não apenas como um campo disciplinar, mas como uma prática social situada, permeada por racionalidades historicamente construídas e orientadas por teorias vinculadas a interesses específicos. Ao adotar a reconstrução como método crítico, rompe-se com a ideia de neutralidade que, frequentemente, recobre tanto os discursos quanto as práticas curriculares da matemática escolar, revelando as condições

histórico-sociais que sustentam determinados paradigmas educacionais e os modos pelos quais esses paradigmas operam exclusões, silenciamentos e hierarquizações de saberes e sujeitos.

A reconstrução da história da teoria, conforme apresentada neste ensaio, mostrou-se uma via metodológica particularmente profícua para uma leitura crítica da Educação Matemática, pois permite recuperar os fundamentos normativos e epistêmicos que estruturam as abordagens educacionais vigentes, bem como diagnosticar suas limitações à luz das demandas contemporâneas por justiça social e pluralidade epistêmica. Ao tratar as teorias educacionais não como modelos concorrentes, mas como expressões parciais de racionalidades sociais e políticas, a reconstrução oferece as bases para reinscrever a crítica no cerne da formação de professoras/es, dos processos de desenvolvimento curricular e das demais preocupações contemporâneas que vigoram nas pesquisas em Educação Matemática.

Nesse horizonte, as contribuições de Habermas — especialmente no que se refere à reconstrução de teorias tradicionais a partir de sua parcialidade constitutiva — permitem reinterpretar a história da Educação Matemática como história de disputas por legitimação simbólica, material, política e/ou discursiva. A articulação entre crítica imanente e diagnóstico social, que caracteriza o método reconstrutivo aponta, assim, para uma renovação das possibilidades formativas do campo, ao propor alternativas pedagógicas comprometidas com a emancipação dos sujeitos, com a democratização do(s) saber(s) matemático(s) e com a superação dos históricos processos de exclusão, silenciamento e injustiças. Em suma, o método reconstrutivo da história da teoria se configura, no campo da Educação Matemática, como uma ferramenta epistemológica e política, capaz de descortinar as tensões entre tradição e transformação, entre dominação e emancipação, entre técnica e crítica, entre tradição e contemporaneidade, abrindo caminhos para uma práxis educacional democrática, comprometida sobretudo com emancipação e justiça social.

Assim o sendo, a reconstrução da história da teoria não se limita a um exercício técnico de revisão ou ordenação do pensamento, mas se configura como uma prática reflexiva que articula teoria, história e diagnóstico social. Trata-se de uma operação crítica que visa descortinar, no interior das tradições teóricas, os momentos de ruptura, as tensões internas e os deslocamentos conceituais que respondem a problemas históricos concretos — e, ao fazê-lo, permite reinscrever o pensamento crítico como parte viva dos embates sociais. Quando aplicada ao campo da Educação, e mais especificamente ao currículo e à Educação Matemática, essa abordagem possibilita não apenas compreender como determinados

modelos e racionalidades se cristalizaram ao longo do tempo, mas também identificar os pontos de inflexão a partir dos quais podem ser projetadas alternativas formativas mais justas, plurais e emancipadoras. A reconstrução, portanto, é simultaneamente análise do passado e projeção de possibilidades futuras: ela não busca apenas compreender, mas transformar — mantendo a promessa da Teoria Crítica como teoria da emancipação.

Aplicada à Educação Matemática, a reconstrução da história da teoria — tal como formulada por Habermas e aprofundada por Repa — fornece uma via metodológica profícua para examinar criticamente os paradigmas que historicamente moldaram a área. A partir da lógica não concorrencial que caracteriza a Teoria Crítica, essa abordagem permite incorporar, expor e superar a parcialidade das teorias tradicionais que compõem a história da Educação Matemática, evidenciando seus limites em lidar com as desigualdades sociais e curriculares.

Assim como Habermas opera uma reconstrução crítica da teoria da racionalização de Weber ao revelar suas unilateralidades e potencialidades ocultas, pode-se reconstruir teorias que moldaram práticas pedagógicas, políticas curriculares e concepções de aprendizagem matemática, revelando nelas as racionalidades hegemônicas — como a tecnocracia, o produtivismo e o conteudismo — que silenciam saberes, sujeitos e contextos. Isso implica tratar modelos didáticos ou curriculares não como prescrições neutras, mas como expressões situadas de interesses e concepções de mundo, com implicações formativas e políticas concretas.

A reconstrução, nesse sentido, permite identificar nas teorias educacionais e curriculares os potenciais normativos não realizados, promovendo uma releitura que aponte para alternativas pedagógicas comprometidas com justiça social, inclusão e reconhecimento. A reconstrução torna-se, portanto, uma estratégia epistemológica para revelar como certas formas de exclusão foram naturalizadas nos currículos de matemática, e para projetar práticas formativas que articulem crítica social, emancipação e pluralidade epistêmica.

A título de ilustração, tomaremos dois exemplos de exercícios teóricos em Educação Matemática que tomam a reconstrução da história da teoria de Habermas como ferramenta político-teórico-metodológica. Tais exemplos podem ser conferidos em Taveira (2025), Taveira e Peralta (2025; no prelo), sendo ambos buscam denunciar injustiças curriculares em Educação Matemática, tomando como base referenciais teóricos sobre justiça distintos como base normativa para a crítica. Cabe destacar que as críticas inscritas nesses exercícios são realizadas partindo do diagnóstico de época de que, nos últimos tempos, temas

relacionados aos marcadores sociais – como classe, raça, gênero, sexualidade, idade, etnia, entre outros – começaram a compor o rol de preocupações e enfoques dos estudos e pesquisas em Educação Matemática.

Quanto ao primeiro exemplo, descrito em Taveira (2025) e Taveira e Peralta (2025), é realizado o exercício de reconstrução da história da teoria com o objetivo de discutir como o direito à justificação de Rainer Forst se caracteriza como uma injustiça curricular. Recorrendo à fatos históricos da pesquisa em Educação Matemática, como as produções constantes em eventos acadêmico-científicos, os periódicos da área e de grupos de pesquisa, ou seja, como *indícios* da história recente da área, foi mostrado de maneira *sistemática* como as objeções públicas aos estudos e às pesquisas que, via marcadores sociais, buscam “contestar o ideário de que a matemática é um conhecimento neutro, fortemente presente na opinião pública se apresentam não como pedidos de explicações, mas sim como uma tentativa de impedimento do direito à justificação” (Taveira; Peralta, 2025, p. 230). E, ao realizarem este exercício reconstrutivo, os autores mostraram como essa tentativa de violência epistêmica do silenciamento de algumas produções, entendida como uma injustiça curricular, se apresenta como um obstáculo à emancipação na produção do conhecimento se prestará a fundamentar teoricamente processos formativos em Educação Matemática.

Já quanto ao segundo exemplo, discute-se como aquilo que Nancy Fraser chama de Problema da Substituição se apresenta como uma injustiça curricular em Educação Matemática. Partindo do diagnóstico de época, produções recentes que focalizam os marcadores sociais relacionados à questões simbólicas deixam de lado as questões de natureza estrutural e material e isto se constitui uma problemática epistêmica “uma vez que é inteligível no senso comum e na opinião pública a indispensabilidade do conhecimento matemático no desenvolvimento científico, tecnológico e industrial – assim como foi com uma das constatações que desencadearam o Movimento da Matemática Moderna” (Taveira; Peralta, no prelo). Nesse caso, a reconstrução opera de forma a descortinar uma problemática epistemológica que, se superada, oferece um potencial emancipatório na produção de conhecimento que se prestará a fundamentar teoricamente processos formativos em Educação Matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, retomamos as ilustrações anteriores para afirmar que já é possível conferir na literatura, exercícios que tomam a reconstrução da história da teoria

como abordagem teórico-metodológica na área e ilustram as potencialidades epistemológicas que as contribuições metodológicas de um tipo específico de reconstrução oferecem à Educação Matemática.

Assim o sendo, com indícios evidentes das potencialidades desta abordagem, defendemos que o aprofundamento teórico em outros tipos de reconstrução se faz profícuo para a epistemologia da área, em tempos em que novas perspectivas, sujeitos e epistemes passaram a compor o rol das preocupações da Educação Matemática, necessitando, para tanto, de novas ferramentas político-metodológicas para darem conta das reais demandas da realidade.

Além dos tipos de reconstrução citados neste artigo, a saber, as ciências reconstrutivas e a reconstrução da história da teoria, operadas por Habermas, ainda há um terceiro tipo, iniciado por Habermas e levado à cabo por Axel Honneth, denominado por Robin Celikates (2006; 2009; 2012) de reconstrução hegeliana. Tal abordagem metodológica pode inspirar e fundamentar outra perspectiva metodológica de reconstrução, expandindo o leque metodológico da pesquisa em Educação Matemática.

É certo que o debate metodológico sempre será importante para o fortalecimento de qualquer área de pesquisa e expandir o alcance político-teórico-metodológico é um compromisso de toda pessoa da comunidade da Educação Matemática preocupada, em última instância, com a emancipação.

REFERÊNCIAS

CELIKATES, Robin. From Critical Social Theory to a Social Theory of Critique: On the Critique of Ideology after the Pragmatic Turn. **Constellations**, Berlim, v. 13, n. 1, p. 21-40, 2006.

CELIKATES, Robin. **Kritik als soziale Praxis: Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie**. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2009.

CELIKATES, Robin. O não reconhecimento sistemático e a prática da crítica: Bourdieu, Boltanski e o papel da teoria crítica. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 93, p. 29-42, 2012.

DE CAUX, Luiz Philipe Rolla. **Reconstrução e crítica em Axel Honneth**. 2015. 217f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERNANDES, Filipe Santos.; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática: éticas e políticas na inserção de novos sujeitos, cenários**

e conhecimentos. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 14, n. 34, p. 1-16, 5 abr. 2021.

GUTIÉRREZ, Rochelle. The Sociopolitical Turn in Mathematics Education. **Journal for Research in Mathematics Education**, v. 44, n. 1, p. 37–68, 2013.

HABERMAS, Jürgen. Ciências Sociais Reconstrutivas versus Ciências Sociais Compreensivas. In: HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. p. 37-60. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Tradução de L. Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Facticidade e Validade**: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia. Traduzido por Felipe Gonçalves Silva, Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da Ação Comunicativa – volume 1**: Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Editora Unesp, 2022a.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da Ação Comunicativa – volume 2**: Para a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Editora Unesp, 2022b.

HOKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W. et. al. **Os Pensadores**. p. 117-161. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HONNETH, Axel. Rekonstruktive Gesellschaftskritik unter genealogischem Vorbehalt: Zur Idee der »Kritik« in der Frankfurter Schule. In: HONNETH, Axel. **Pathologien der Vernunft**: Geschichte und Gegenwart der Kritischen Theorie. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2007. p. 57-69.

HONNETH, Axel. **O Direito da Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

JAEGGI, Rahel. **Critique of Forms of Life**. Translated by C. Cronin. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

LERMAN, Steven. The social turn in mathematics education research. In: J. Boaler (Org.). **Multiple perspectives on mathematics teaching and learning**. p. 19 – 44. Westport: Ablex, 2000.

MELO, Rúrion Soares. Teoria Crítica e os sentidos de emancipação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 249-262, 2011.

MELO, Rúrion Soares. **Marx e Habermas – Teoria Crítica e os sentidos de emancipação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

MÜLLER, Marcos Lutz. Exposição e método dialético em “O capital”. **Boletim Seaf**, Belo Horizonte, n. 2, 1982.

NOBRE, Marco. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

NOBRE, Marco.; REPA, Luiz. Reconstruindo Habermas: etapas e sentido de um percurso. *In*: NOBRE, M.; REPA, L. **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da Teoria Crítica habermasiana. Campinas: Papirus, 2012. p. 13-42.

PEDERSEN, Jørgen. Habermas' method: rational reconstruction. **Philosophy of Social Sciences**, v. 38, n. 4, p. 457-485, 2008.

REPA, Luiz. **A transformação da filosofia em Jürgen Habermas**: Os papéis de reconstrução, interpretação e crítica. São Paulo: Singular, 2008a.

REPA, Luiz. Jürgen Habermas e o modelo reconstutivo de teoria crítica. *In*: NOBRE, M. (Org.). **Curso livre de Teoria Crítica**. Campinas: Papirus, 2008b. p. 161-182.

REPA, Luiz. A Reconstrução da história da teoria. Observações sobre um procedimento da Teoria da Ação Comunicativa. *In*: NOBRE, M.; REPA, L. **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da Teoria Crítica habermasiana. p. 43-64. Campinas: Papirus, 2012.

REPA, Luiz. Compreensões de Reconstrução: sobre a noção de crítica reconstitutiva em Habermas e Celikates. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 40, n. 3, p. 9-28, 2017.

REPA, Luiz. **Reconstrução e Emancipação**: método e política em Jürgen Habermas. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

REPA, Luiz. Apresentação à edição brasileira. *In*: HABERMAS, J. **Teoria da Ação Comunicativa – volume 1**: Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

SEGATTO, Antonio Ianni. **De um ponto de vista pragmático**: Estudos sobre Habermas. São Paulo: Alameda, 2022.

TAVEIRA, Flavio Augusto Leite. **Injustiças Curriculares e Educação Matemática; questões de reconhecimento, redistribuição e direito à justificação**. Tese. 177f. (Doutorado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

TAVEIRA, Flavio Augusto Leite; PERALTA, Deise Aparecida. O que a matemática tem a ver com isso?": apontamentos contra a injustiça curricular do direito à justificação. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 209–232, 2025.

TAVEIRA, Flavio Augusto Leite; PERALTA, Deise Aparecida. Educação Matemática e o Problema da Substituição. **Bolema**, Rio Claro, no prelo.

VOIROL, Oliver. Teoria Crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 93, p. 81–99, 2012.